

Rafael Moreira: uma evocação

Rafael Moreira: an evocation

Carlos Caetano¹

O Professor Rafael Moreira (Porto, 1947 - Lisboa, 2025) é um dos primeiros e mais ilustres filhos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), de que seria também um dos primeiros e mais ilustres obreiros. A fundação desta Faculdade, em 1977 (início da actividade lectiva em Janeiro de 1978), fez história, pois marcou a grande renovação do ensino superior e a da investigação científica em Portugal, nomeadamente na área das Humanidades e, em particular nas disciplinas da História e da História da Arte. Rafael Moreira, que concluíra a sua licenciatura em História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1975, foi imediatamente admitido no Curso de Mestrado em História da Arte, então acabado de criar por, entre outros, os grandes historiadores de Arte Artur Nobre de Gusmão e José-Augusto França. Este foi o primeiro Curso de Mestrado em História da Arte que se fez entre nós e foi porventura o primeiro mestrado de toda a Universidade Portuguesa. O jovem Rafael Moreira deu imediatamente nas vistas, nomeadamente com a sua tese de Mestrado (1982) sobre o arquitecto e teórico quinhentista português António Rodrigues: *Um Tratado Português de Architectura do Século XVI (1576-1579)*. Ascensão académica fulgurante, já em 1978 Rafael Moreira integrara como Assistente do Departamento de História da Arte o corpo docente da então jovem Faculdade (onde permaneceria até ao fim da sua carreira). Em 1993 aí defende a sua tese de Doutoramento: *A Architectura*

¹ CEPESE, Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade; CHAM, Centro de Humanidades (FCSH - Un. Nova / Un. dos Açores).

do Renascimento no Sul de Portugal. A Encomenda Régia entre o ‘Moderno’ e o ‘Romano’, orientada pelo Prof. Artur Nobre de Gusmão, reconhecida por todos como um dos monumentos maiores da historiografia da arte portuguesa, nomeadamente da produzida nos últimos 50 ou 60 anos, mas só recentemente publicada graças aos cuidados de um seu brilhante discípulo, Francisco Bilou (Edições Colibri, 2024).

Autor de uma vasta e muito valiosa obra espalhada por livros (alguns com a sua coordenação científica), capítulos de livros e inúmeros artigos, mas também por importantíssimos catálogos de grandes exposições de cultura e arte – uns e outros a merecerem recolha e republicação urgente - o início da sua carreira científica mas também enquanto figura de primeiro plano da vida cultural portuguesa foi fulgurante. Com efeito, muito jovem, com apenas 36 anos, foi o coordenador da secção de Arquitectura da grande e muito prestigiosa exposição *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento – XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*, promovida pelo Conselho da Europa e que teve o historiador e diplomata Pedro Canavarro como Comissário Geral. Esta exposição, que ocorreu em 1983, foi muito importante pois foi a primeira exposição de arte de grande envergadura realizada em Portugal depois da instauração da Democracia a 25 de Abril de 1974.

A integração da arquitectura como uma das componentes cimeiras da referida Exposição foi uma autêntica revolução cultural. Claro que em Portugal já tinha havido exposições de arquitectura e de arquitectos, mas foram poucas e foram estritamente monográficas. Agora, tratava-se de expor arquitectura, mas em articulação com as outras formas de arte e de cultura de um tempo único da História de Portugal, sob o signo “As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e de Cultura”, como se lia no título do núcleo principal da referida Exposição, patente no *Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa* de Lisboa (MNAA), o maior e o mais importante museu português, que então receberia importantes obras de renovação e de ampliação do

espaço expositivo. Rafael Moreira propunha uma maneira nova de ver e de expôr Arquitectura e a exposição no seu todo foi memorável pois trouxe uma lufada de ar fresco ao olhar português sobre o nosso passado comum, enquanto portugueses, enquanto europeus e enquanto cidadãos do Mundo. A grande exposição ocorreu numa época verdadeiramente pós-revolucionária, nove anos apenas o 25 de Abril de 1974, num momento singular em que, diga-se, tudo tinha o perfume e a frescura próprias de um tempo histórico em que também tudo em Portugal era novo: desde o então muito jovem Regime Democrático à Própria NOVA FCSH, passando naturalmente pelos protagonistas, também quase todos muito novos, de uma autêntica revolução universitária mas também cultural e artística.

Como espectador ainda jovem da memorável Exposição, lembro a emoção com que vi o conjunto de peças que inauguravam a secção da Arquitectura na citada Exposição: o esquadro, a régua articulada e o compasso de um estojo alemão de arquitecto, de 1549 (do *Museu do Renascimento* de Écouen)², que nunca imaginaria poder ver numa exposição no MNAA. Mas por essa exposição prodigiosa perpassavam também as edições mais raras dos tratados quinhentistas de arquitectura, a par de inúmeros manuscritos e desenhos, passando por fragmentos de elementos arquitectónicos e pela exposição de belíssimas maquetes, produzidas expressamente para a Exposição, reproduzindo e reconstituindo edifícios renascentistas portugueses célebres.

O primeiro texto que me lembro de ter lido de Rafael Moreira foi justamente o que constava no *Catálogo* da exposição acima referida, de 1983. Este pequeno texto, que introduzia o catálogo das respectivas peças expostas, seleccionadas e anotadas primorosamente por si próprio, foi uma revelação – e por isso transcrevo aqui o seu primeiro parágrafo:

² Peça 389, “Estojo de Arquitecto”, in *Catálogo da exposição Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento – XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e de Cultura: Núcleo Museu Nacional de Arte Antiga; Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Lisboa, Lisboa, 1983, Vol. I, p.^a 315.*

No panorama da arte portuguesa do séc. XVI, a arquitectura constitui, sem dúvida, o domínio de mais largo alcance histórico e cultural, em íntima articulação com os restantes domínios da cultura: tanto artística, como literária e científica. Hoje, é-nos difícil sentir o poderio e o fascínio que a sociedade do tempo via nessa arte, ponto de cruzamento de todas as outras. Metáfora do homem e da sua harmonia com o cosmos, símbolo da energia criadora divina, mesmo quando dotado de mera função prática, o objecto construído era sempre investido de uma intencionalidade que o transcendia, e a construção uma actividade manual (*arte mechanica*) conferidora por si da mais alta dignidade³.

Estas considerações desassombradas, inéditas e impensáveis na historiografia tradicional da arte portuguesa, constituíam já todo um programa, em ruptura frontal com praxes de investigação e divulgação tradicionais. Elas anunciavam toda uma nova concepção de História de Arte, independente e descomplexada; aberta e crítica, original e inovadora, que acolhia em si não só o melhor da renovação que associamos à chamada *Nouvelle Histoire*, mas também contributos essenciais da maneira anglo-saxónica de fazer e escrever história. Com efeito, era uma história da arte muito afastada de velhos preceitos e preconceitos, nomeadamente os positivistas, os elitistas ou os nacionalistas, tão asfixiantes e tão presentes na velha historiografia da arte portuguesa.

Da imensa acção pedagógica e da imensa obra de investigador de Rafael Moreira destaquem-se as áreas tão inovadoras que trouxe à investigação e à Universidade Portuguesas: a da *Arquitetura Militar Portuguesa do Renascimento* (1998) ou, anteriormente, a da *Arte Colonial Portuguesa* (1992). Diga-se que esta última área de investigação e ensino não deixaria de causar grande surpresa e mesmo algum escândalo académico, cultural e até ideológico, num país que acabava de encerrar um processo complexíssimo de descolonização.

Dotado de um finíssimo sentido de investigador, sempre a descobrir documentos inéditos, Rafael Moreira, que detinha uma curiosidade intelectual sem limites e áreas de interesse alargadíssima e nada “passadista”, estava sempre

³ Rafael Moreira, “Arquitetura”, in Catálogo da exposição *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento – XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e de Cultura: Núcleo Museu Nacional de Arte Antiga; Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*, Lisboa, Lisboa, 1983, Vol. I, p.^a 307.

pronto para propor leituras novas e sempre muito inspiradas de velhos documentos, quase sempre certeiras e quase sempre muito agudas, surpreendentes, irreverentes e até insólitas. Ao fazer isto, Rafael Moreira superava sempre a mera erudição e o olhar rasante e meramente positivista de tantos investigadores, mas também nunca ultrapassava o sério risco de um olhar como que fetichista sobre a obra de arte ou a arquitectura, um risco e uma tentação sempre presente em quem estuda a arte do passado ou do presente. Porém, e para inveja de muitos (a começar por mim próprio), o Rafael Moreira associava aquelas qualidades a invulgares capacidades de trabalho e de escrita e a uma memória maravilhosa, intacta até ao fim.

Descomplexado, desafrontado, corajoso até à temeridade, Rafael Moreira foi um historiador formidável, sempre a procurar sentidos fecundantes quer nos documentos escritos quer nos testemunhos materiais, e em particular na arquitectura, nomeadamente nos de muito difícil leitura e interpretação. Com efeito, o grande historiador que ele era, era mais do que isso, pois o Rafael procurava sempre um olhar transversal e muito alargado, sempre cruzado com outros olhares, fazendo jus ao nome da novíssima Faculdade em que sempre trabalhou e que é bom lembrar que se chamava e chama de *Ciências Sociais e Humanas*, circunstância que por vezes se ignora ou se esquece. Por outro lado, o Rafael Moreira, que se apoiava sempre num sensacional lastro documental escrito, manteve uma luta constante pelo lugar e pela importância dos testemunhos materiais, dos artefactos e da generalidade das obras de arte - e em particular da arquitectura - para problematizar e para contribuir para o nosso melhor conhecimento do Passado. Diga-se que esta incidência no testemunho material era feita quantas vezes à revelia ou em confronto (ainda que discreto) com historiadores consagrados que, estritamente ancorados no documento escrito, sistematicamente ignoravam (e quantas vezes ignoram ainda) o contributo que ele considerava essencialíssimo da História da Arte para o debate historiográfico e, repetimos, para o nosso melhor conhecimento do Passado. Por

tudo isto, Rafael Moreira foi um dos maiores e mais estimulantes historiadores portugueses da sua geração. Como exemplo do grande historiador que ele era, vejamos as palavras inspiradíssimas - que em nada desmerecem das dos grandes historiadores dos Descobrimentos - que dedica a certo momento muito auspicioso do século XV português, quando fala de uma “civilização segura de si, com a exuberância de uma vontade irradiando vigor concentrado, um vitalismo alegre e a plena confiança nos seus meios e energias para a conquista dinâmica do mundo”⁴. Enfim, graças ao seu magistério todos os que o ignorávamos ficamos a saber que História da Arquitectura é História da Arte e História da Arte é História, que é uma ciência social e humana, como os grandes fundadores e obreiros da novíssima Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, em 1977, tão bem sabiam.

Nesta revelação, ou melhor, nesta celebração e nesta como que recentração da História o Rafael teve, como em tantas coisas na sua vida, a arte de convocar muitos e grandes mestres, companheiros, amigos e colaboradores, portugueses e estrangeiros, pois todos eles contribuíram para a construção daquela que tem que ser considerada uma das primeiras carreiras académicas portuguesas verdadeiramente “internacionalizadas”, num tempo em que ainda quase se não falava em “internacionalização” de carreiras, de cursos ou projectos. Ora, a verdade é que desde o início até ao fim, Rafael Moreira conseguiu o reconhecimento, o apoio, a amizade, e mesmo a cumplicidade de nomes grandes da História da Arte das últimas décadas. Com efeito, pela sua vida e pela sua obra perpassavam os ensinamentos mas também a admiração imensa por nomes como os de Giulio Carlo Argan (1909-1992) e de Manfredo Tafuri (1935-1994), a que há que acrescentar a admiração e mesmo o companheirismo de nomes como os de André Chastel (1912-1990), John Bury (1917-2017) ou, praticamente já da sua geração, com Annemarie Jordan Gschwend ou com Fernando Mariás. Uma referência particular merecem os seus colegas, admiradores e amigos

⁴ Rafael Moreira, “Cultura material e visual” in Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (Dir.), *História da Expansão Portuguesa*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1998, Vol. I, p. 463.

brasileiros, devendo lembrar-se nesta evocação o saudoso Mário d’Agostino (falecido em 2021), mas também os nomes de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira ou de Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, bem como o de historiadores e investigadores brasileiros das gerações mais novas, como Magno Mello, Clóvis Jucá Neto, Clarisse Martins Vilela ou ainda investigadores tão jovens como Esdras Arrais ou Allan Pedro Silva. Em Portugal, Rafael Moreira gozou dos ensinamentos, do apoio e da lealdade de mestres, colegas historiadores como Horta Correia - o mais velho de nós todos! – mas também de nomes como os de Raquel Henrique da Silva, Paulo Pereira, Carlos Moura, Miguel Soromenho, Maria João Vilhena de Carvalho, Vítor Serrão, Paulo Varela Gomes ou Carlos Moura Martins, a que há que acrescentar investigadores mais jovens da craveira de Alexandra Curvelo ou Nuno Senos, um e outro nomes cimeiros da actual geração de professores de História da Arte da NOVA FCSH. A par destes, também os amigos Nuno Villamariz Oliveira, Pedro Cid, Francisco Bilou e Ruy Ventura devem aqui ser lembrados, pois tive e tenho o privilégio de partilhar com eles uma amizade e uma admiração comuns por Rafael Moreira.

Pelo tempo que lhe coube viver, Rafael Moreira cruzar-se-ia com figuras maiores da cultura e até da sociedade portuguesas da época, de que deixarei aqui apenas um exemplo. Mais que uma vez falou daquela que devia ser a figura célebre mais antiga de que se lembrava e que merece aqui ser referida: o grande historiador Jaime Cortesão (1884-1960). Contava a emoção de, em criança, em 1953 ou 1954, com seis ou sete anos, acompanhado pela mãe (uma portuguesa das elites portuenses), se ter cruzado e viajado repetidamente no elevador de um hotel famoso de Lisboa com o grande historiador – “de barbas”, como ele o recordava - exilado e activo no Brasil quando este, a convite do Governo Brasileiro, veio a Portugal investigar e recolher documentos e testemunhos no âmbito das comemorações do 4.º Centenário da Fundação da cidade de S. Paulo.

Lembre-se a propósito que também o Rafael Moreira colaborou intensamente com entidades culturais e científicas portuguesas e estrangeiras do

mais alto nível, nomeadamente na área do Património Cultural, do seu conhecimento e da sua difusão nacional e internacional. Assim, para lá da citada colaboração com a *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*, promovida pelo Conselho da Europa, atrás referida, o Rafael Moreira coordenou ou colaborou activamente em todas as grandes exposições promovidas pelas entidades culturais e governamentais portuguesas promovidas nas duas últimas décadas do século passado. Integrou nomeadamente o grupo que promoveu a *Europália 91. Portugal*, em 1991, na Bélgica (com exposições também na Holanda), dedicada à cultura portuguesa, na sequência da integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia, hoje União Europeia. Pertenceu também às comissões que organizaram as *Comemorações dos Descobrimentos Portugueses* (1994) e a grande *Exposição Mundial de Lisboa de 1998*.

O Rafael Moreira foi uma presença intensa na minha vida, desde 2000, no momento em que acabei o Mestrado e iniciei os trabalhos para o Doutoramento: ao Rafael devo provas de simpatia, amizade, cumplicidade, partilha e amizade. A ele devo o conhecimento dos romances do historiador Paulo Varela Gomes e sobretudo uma visita guiada ao Rio de Janeiro, primeiro à distância e depois em presença. Com efeito, em 2015, no âmbito das comemorações dos 450 anos da criação da cidade do Rio de Janeiro – de que Rafael Moreira foi o responsável pela participação portuguesa (tarefa em que tive o gosto de colaborar informalmente) consegui visitar finalmente o Brasil, e o Rio em particular, onde tenho família muito próxima. Escolhi o mês de Julho pois contava poder assistir à inauguração da grande exposição dedicada à grande efeméride, prevista para os primeiros dias de Julho no *Museu de Arte do Rio*. Eu parti muito cedo, pois não conhecia o Rio e o Rafael iria nos primeiros dias de Julho, como aconteceu. Ora, nos quase quinze dias de Junho desse ano, em que estava no Rio pela primeira vez, todos os dias tinha um roteiro preparado para as minhas visitas: “Carlos, não se esqueça de ir ver o *Museu de História Nacional*, olhe que fica no Palácio Gomes Freire!...” - e com esta indicação vinha toda a informação necessária para

o pleno entendimento do Museu (não há nenhum museu em Portugal parecido com este) e do belo Palácio em que está instalado. E a par destas informações vinham indicações tão minuciosas como a de me pedir para, muito perto do Museu, reparar na calçada “pé-de-muleque” da base do morro do castelo, demolido nos Anos de 1920, em circunstâncias que todos os cariocas cultos conhecem. Depois era a sugestão - leia-se: a ordem para visitar o *Convento de Santo António da Carioca* e a Igreja contígua da *Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência*, a que se seguiam autênticos mandatos para não perder o *Jardim Botânico*, o *Museu de Belas Artes* ou a *Sala Assíria* nos fundos do *Teatro Municipal*. Incansável, o bom do Rafael Moreira continuava a lista de sugestões com propostas para visitar a Lapa, o *Convento de Santa Teresa*, lá no alto e, aberto às estéticas menos convencionais, para subir a *Escadaria Selarón* e não perder o *Aqueduto da Lapa* nem a igreja do *Mosteiro de S. Bento*, o que fiz, sempre acompanhado por familiares e amigos cariocas. Não sendo possível referir aqui todas as indicações que o Rafael me deu, sem qualquer tipo de paternalismo, recordo a emoção das minhas visitas, sugeridas pelo Rafael Moreira, à *Xácara do Céu* e ao edifício que foi a sede do antigo *Ministério da Educação e Saúde*, do grande arquitecto Lúcio Costa e que para mim é um dos mais belos, senão o mais belo edifício modernista que me foi dado ver e admirar em qualquer parte do mundo. Evidentemente, as indicações contemplavam livrarias e restaurantes, de que retenho a *Travessa* e o *Bar Luís* (Rua da Carioca), respectivamente. O Rafael chegou ao Rio nas vésperas do dia 4 de Julho, o seu dia de anos, e foi uma epifania: de carro e a pé, percorremos o Rio de Janeiro, com paragem no Bairro do Catete, de que ele tinha particulares memórias pessoais, pois passara parte da infância e depois parte da Juventude no Rio, épocas em que morava neste bairro. Celebrámos com caipirinha num restaurante nordestino da moda e foi uma festa. Diga-se que o Rafael Moreira era um *gourmet* refinado e apreciava vinhos caros. Devo dizer que também nesta matéria ganhei muito com o convívio de mais de duas décadas com ele: vinhos, bebidas e

restaurantes caros (o Rafael era um burguês!) face a outros populares, O Rafael estava sempre à procura de uma culinária vernácula e autêntica, que considerava ser um retrato rigoroso da região ou do país onde estivesse. Acompanhei-o em numerosos restaurantes em Lisboa e em várias regiões de Portugal (muitas vezes com amigos locais), mas também em Espanha, onde fomos várias vezes, no âmbito de visitas de estudo promovidas por professores e alunos de História da Arte da NOVA FCSH. Uma das mais ricas foi ao *Museu do Prado* a ver a grande exposição de H. Bosch. Dava-se a circunstância de ao mesmo tempo haver também uma grande exposição de Georges la Tour, que tive o privilégio de ver a sós com ele, que em seguida me levou ao Pátio - Claustro dos Jerónimos, incorporado no Prado, onde vi pela primeira vez os prodigiosos bronzes quinhentistas cortesãos todos eles celebrando o poder imperial de Carlos V ou a majestade de Filipe II, naquela que, de tantas, foi porventura a mais comovente (e a mais demorada) visita a um museu com o Rafael.

Como tantos historiadores portugueses, o Rafael não gostava particularmente de música e muito menos de ópera. Ora, eu não sabia, pelo que num Natal, porventura no de de 2000, ofereci-lhe *O Guarany* de Carlos Gomes, então recentemente editado (produção da Ópera do Estado de Bona; Sony, 1995), ópera de que gosto muito. Pois o Rafael ouviu-a de uma ponta à outra, agradeceu-me muito e disse-me comovido que a audição da ópera lhe tinha lembrado o pai, que morrera quando o Rafael tinha 5 ou 6 anos. O pai era de S. Luís do Maranhão, cidade onde ele também viveu em criança e em jovem e a que regressava com frequência – lembre-se que o Rafael era um cidadão luso-brasileiro. Contou então que o seu pai em casa cantava ou cantarolava uma ária famosa de *O Guarany*, porventura a ária “Senza tetto, senza cuna”, de Gonzales, o vilão da ópera, que é belíssima, fácil de entrar no ouvido e que se popularizara graças ao disco.

Ao longo de mais de vinte anos de convívio foram muitos os momentos de bom e são convívio mas, se nem sempre era fácil ser amigo do Rafael Moreira,

ser aluno dele era e foi a coisa mais fácil e mais aprazível do mundo. Para mim foi um encanto que começou em 1996 e que se prolongou até ao fim. Foi uma sorte: tudo começou nas provas de acesso ao *Mestrado de História da Arte* da NOVAFCSH, ocorridas em Outubro daquele ano. No exame de acesso as questões tinham temas diversos a distribuir para avaliação pelos diversos professores do curso, consoante os temas, portugueses e estrangeiros, um por cada época da História da Arte. As questões a que os candidatos tinham que se responder por escrito eram sorteadas. A mim calhou-me a “Lisboa Pombalina”, tema que fora proposto e seria examinado pelo Rafael Moreira. Fiz a prova escrita e depois a prova oral, esta pública (que ocorreu provavelmente a 24 daquele mês), e o Rafael fez o favor de dizer publicamente que tinha gostado muito das minhas provas. Decidi imediatamente fazer a cadeira que ele leccionava no 1.º Ano do Curso de Mestrado: a famosa “Arte Colonial Portuguesa”. Também imediatamente decidi fazer a tese com ele e desde o princípio escolhi o tema da “Lisboa Ribeirinha”. Quando lho apresentei ele atalhou e disse logo: “Não, não, o senhor vai estudar a *Ribeira de Lisboa*”. Nestas palavras disse tudo: eu preparava-me para estudar a frente de Lisboa sobre o Rio Tejo, justapondo as suas diversas componentes construídas, o que era importante mas pobre e bem pouco elucidativo da fabulosa realidade urbana que a “ribeira” da cidade constituía. Ao focar o tema em “A Ribeira de Lisboa”, a tese passava a incidir numa realidade urbana tipicamente portuguesa na qual confluíam imensas funções, espaços e arquitecturas que tinham como pano de fundo comum os variados cais da ribeira, pois esta era de facto a plataforma portuária da cidade. Era, nas palavras dele, o “Sistema da Ribeira” que era preciso captar e bem depressa percebi que a Ribeira era uma realidade urbana portuguesa muito coerente e eficiente, patente em todas as povoações costeiras portuguesas mas replicável nas frentes marítimas de todas as cidades e lugares do que se tornaria o que podemos chamar de Império Marítimo Português.

A investigação e a redacção da tese não podiam ter corrido melhor. Eu calcorreava a marginal da cidade de uma ponta à outra e aprendi com o exemplo do Rafael Moreira, narrado por ele em aulas memoráveis - em que contava um acidente ocorrido em Goa em plena visita de trabalho, no Verão de 1996... - a procurar e a sentir a identidade e a pulsão histórica própria de cada lugar, quase centímetro a centímetro. Um episódio típico da curiosidade e da reacção do Rafael a uma descoberta inesperada: Numa das minhas inúmeras voltas pela marginal antiga de Lisboa descobri umas “tercenas” da segunda metade do século XVIII, as Tercenas de *José António Pereira*, que em 1801 já detinham um cais privativo. Lembre-se que tercenas era a designação antiga para estruturas de construção naval e para os complexos anexos de armazéns, sempre de implantação ribeirinha). Apesar das suas funções históricas, da sua antiguidade, da sua grandeza e mesmo da sua monumentalidade, estas tercenas pouco ou nada tinham sido notadas pelos historiadores, pois já estavam abandonadas há muito e ficam como que ocultas, atrás das construções tardo-setecentistas e oitocentistas da actual Av. 24 de Julho de Lisboa (a marginal da face ocidental de Lisboa). A surpresa da descoberta foi total, pois tratava-se de um achado histórico de primeira categoria. Telefonei-lhe à noite, como era muito frequente – os nossos contactos, na fase de redacção da tese eram quase sempre telefónicos e, quando era preciso, por carta. Avisei-o de que iria lá com ele numa manhã de sábado ou de domingo por motivos de segurança pois o sítio era mal frequentado e, para os padrões de Lisboa, até um pouco inseguro. Pois o Rafael Moreira não sossegou nem esperou por mim. Meteu-se imediatamente num táxi e partiu para lá, onde passou horas seguidas, embevecido e, na volta do correio recebo uma carta dele de quatro páginas com a descrição e a análise daquele extraordinário complexo monumental de armazéns marítimos, outrora providos de cais privativos. Muito empenhado, o Rafael Moreira estava sempre a dar informações, a abrir pistas, a emprestar livros e a escrever longas cartas (e depois frequentes e longos e-mails), sempre de uma franqueza e de uma simpatia insuperáveis! Como grande

professor que era, deve dizer-se que o Rafael dava uma liberdade total aos alunos e era de uma generosidade ímpar nas avaliações: para ele tudo estava sempre bem, tudo tinha sempre um mérito excelente. Com apreciações tão generosas, qualquer aluno depressa atingia com ele níveis de trabalho, de desempenho e de qualidade muito difíceis de conseguir noutras circunstâncias. Em suma, o Rafael Moreira era um pedagogo excepcional – e isto deve ser reconhecido no momento de evocar o grande professor universitário que ele foi!

A minha segunda experiência académica ocorreu na escolha do tema para o doutoramento. Também foi uma história muito bonita e conta-se em duas linhas. Acabado o mestrado, que correu muito bem (o Rafael ainda escreveria amavelmente o prefácio da tese – “O Cais do Mundo” - no momento da sua publicação⁵), fomos finalmente, quatro anos depois de o conhecer, beber uns copos juntos, pois durante todo o Mestrado sempre tivéramos relações muito cordiais mas com aquela distância que as conveniências académicas impõem. No meio da conversa e dos copos, o Rafael pergunta: “E agora, Carlos?” Entenda-se: “Que tema é que vai escolher para a tese?” Eu, que não esperava esta pergunta mas que tinha pensado longamente na hipótese de fazer o doutoramento disse-lhe:

- Ó Professor, não sei... Eu tenho três temas...

- E qual é o primeiro?

- Ó Professor, eu estava a pensar nas casas da câmara dos velhos concelhos portugueses...

- Não diga mais! É esse – e essa era uma tese que eu gostaria de ter feito!

E assim se estabeleceu o tema da minha tese: *As Casas da Câmara dos Concelhos Portugueses e a Monumentalização do Poder Local. Séculos XV-XVIII* (NOVA FCSH, 2011). A investigação e a redacção da tese correram muito bem. Mais uma vez ao Rafael devo a modelação que o tema veio a ter e o seu âmbito cronológico e espacial. Assim, é dele a incidência na “monumentalização

⁵ Carlos Caetano, *A Ribeira de Lisboa na Época da Expansão Portuguesa, Séculos XV a XVIII*, Pandora, Lisboa, 2004.

do Poder Local” que as velhas casas da câmara representavam e simbolizavam. Por outro lado, a minha ideia inicial era fazer apenas as casas da câmara manuelinas, algumas das quais sobreviveram, o que só por si daria uma tese muito bonita e muito útil. Mas o Rafael, um excelente Orientador de teses, emendou:

- Carlos, vai fazer as casas da câmara desde a Idade Média até ao fim do Manuelino (isto é aproximadamente até 1521, data da morte do Rei D. Manuel I).

- Ó Professor, mas então prolongamos o tema até ao fim do Reinado de D. João V (1750) e assim também inserimos as casas da câmara barrocas, porque o quadro institucional da organização concelhia se manteve constante...

- Muito bem! Combinado!

Claro que se tratava de um programa de investigação absolutamente temerário que abrangia todo o país (Continente e Ilhas, com inserções pontuais em cidades e vilas dos antigos territórios ultramarinos) e que na prática se alargou até ao fim do Absolutismo em Portugal (1834). Enfim, ao abrigo deste projecto quase demencial a tese contemplou o universo integral dos velhos concelhos portugueses (cerca de 830) da Idade Média e do Antigo Regime, isto é, num âmbito cronológico de 500 anos! O projecto de investigação – que em qualquer outro país seria realizado por quatro ou cinco equipas, cada uma por região e cada uma com quatro ou cinco investigadores em exclusividade de funções - não poderia ter corrido melhor. O Rafael esteve sempre presente em tudo durante todo o longo processo de investigação, sempre com sugestões e referências arquivísticas novas e sempre curioso quanto aos achados – muitas vezes sensacionais - durante as longas visitas de trabalho a todos os antigos concelhos portugueses. Como sempre, ao Rafael devo alguma da pouca literatura sobre este tema, então praticamente virgem na historiografia portuguesa, ignorado pelos estudiosos do chamado “Municipalismo”, mas também pelos obreiros da história da arquitectura portuguesa. Assim, ao Rafael Moreira devo o famoso e pioneiro artigo de Paulo Thedim Barreto, “Casas de Câmara e Cadeia”,

publicado pela primeira vez em 1947⁶. Porém, a tese, que procurava captar a velha realidade concelha portuguesa pela via da arquitectura, mereceu reparos a alguns estudiosos do chamado “Municipalismo” e sobretudo a historiadores de arte, o que muito me surpreendeu e que provocou sérios desgostos ao Rafael Moreira, que achava que o meu trabalho (e o dele enquanto académico e orientador) estava a ser incompreendido e minorizado, nomeadamente da parte de quem menos se esperaria.

O Rafael Moreira: a falta que nos faz! E a dor que foi vê-lo, no dia 31 de Janeiro de 2025, no decurso de uma crise muito grave de saúde (a penúltima da sua vida breve!), a sair da sua cama, do seu quarto - amparado por duas cuidadoras de um centro social paroquial - a atravessar o corredor e a saleta de entrada para sair por aquela que seria a última vez pela porta da casa onde viveu durante mais de 60 anos e onde construiu toda a sua imensa carreira de professor, de investigador e de intelectual reconhecido por todos. Quis o destino que o Rafael Moreira, agora tão frágil e tão doente, mas que me habituara a ver como grande historiador, como excelso professor e como grande amigo – me desse uma última lição. Com efeito, naquele que foi um dos momentos mais tristes da minha vida, vi finalmente no Rafael Moreira o homem, um homem e, na sua humanidade irredutível, um irmão. Um irmão que nos ia deixar. Para sempre.

Até sempre, Professor!

⁶ Paulo Thedim Barreto, “Casas de Câmara e Cadeia”, *Revista do Património Histórico e Artístico Nacional*, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1947; N.º 11, pp. 9-195.

Figuras









